



# Sabático

UM TEMPO PARA A LEITURA

estado.com.br

CARLOS MILLER

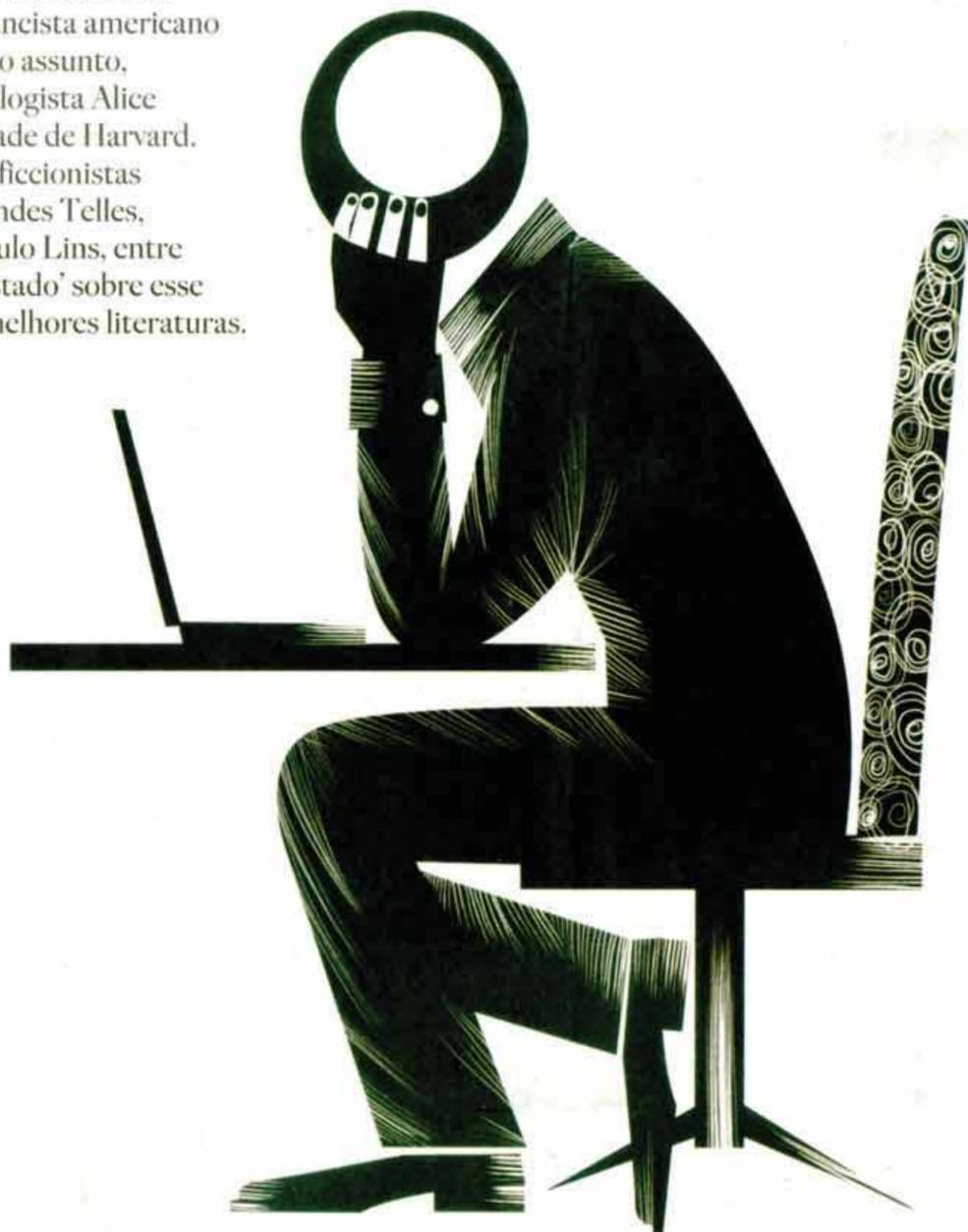
## SEM PALAVRAS

Chamado de "doença da meia-noite" por Edgar Allan Poe, o bloqueio da escrita é um tormento comum entre autores.

O último livro do romancista americano Mark Salzman aborda o assunto, especialidade da neurologista Alice Flaherty, da Universidade de Harvard.

Ambos – e também os ficcionistas brasileiros Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola e Paulo Lins, entre outros – falaram ao 'Estado' sobre esse mal que assombra as melhores literaturas.

Págs. S4 e S5



**Clássico moderno**

Textos da fase final do gênio irlandês são reunidos em um volume que traz a novela *Companhia*, já levada ao palco e analisada por Eugene Webb, de quem sairão dois estudos sobre o Nobel de 1969



**COMPANHIA E OUTROS TEXTOS**  
 Autor: Samuel Beckett  
 Tradução: Ana Helena Souza  
 Editora: Globo Livros  
 (128 págs., R\$ 24,90)



**AS PEÇAS DE SAMUEL BECKETT**  
 Autor: Eugene Webb  
 Tradução: Pedro Sette-Câmara  
 Editora: É Realizações  
 (130 págs., R\$ 39; nas livrarias em abril)

**O ÚLTIMO OLHAR DE BECKETT**

ANTONIO GONÇALVES FILHO

**A**o final de um longo estudo sobre os romances do escritor e dramaturgo Samuel Beckett (1906-89), o especialista em sua obra Eugene Webb, professor emérito da Universidade de Washington, concluiu que há neles “uma clara linha de desenvolvimento que gradualmente revela as implicações de certas ideias-chave”. Já as suas peças “ficam dando voltas em torno de um problema central, tentando desenvolver todos os lados dele”, analisa Webb, autor que terá dois livros seus sobre o irlandês lançados este ano pela Editora É Realizações: o primeiro, *As Peças de Samuel Beckett*, sai agora em abril. O segundo, *Samuel Beckett: Um Estudo Sobre Seus Romances*, está previsto para outubro.

Em entrevista ao *Sabático*, Webb falou sobre ambos e comentou ainda as referências autobiográficas presentes nas narrativas do Nobel de 1969, especialmente em *Companhia* (*Company*, 1980). Produção da última fase de vida do escritor, ela está sendo lançada pela Globo Livros junto a outros contos dos anos 1980, entre os quais dois antológicos, *Pra Frente o Pior* (*Worstward Ho*, 1983) e *Sobressaltos* (*Stirring Still*, 1987/8).

Pela primeira vez em edição brasileira – à exceção do que dá título ao volume –, esses importantes escritos de Beckett estão reunidos em *Companhia & Outros Textos*, que acaba de chegar às livrarias. Críticos já definiram *Companhia* como a obra beckettiana que gravita de maneira mais explícita em torno do gênero autobiográfico. O professor Eugene Webb concorda com eles. “Diria que *Companhia* é mais pessoal que outros trabalhos seus, precisamente em virtude dos ecos de incidentes de sua infância”, observa. Ele lembra que John Knowlson, na biografia do dramaturgo (*Damned to Fame: The Life of Samuel Beckett*), conta que o irlandês revelou ter deliberadamente ficcionalizado suas reminiscências nesse texto. “É uma biografia soberba, que recomendo”.

O mesmo pode ser dito do estudo do professor Eugene Webb sobre a dramaturgia do Nobel. No essencial *As Peças de Samuel Beckett*, ele analisa desde *Esperando Godot* (1952), a mais célebre, até a pouco conhecida peça radiofônica *Cinzas* (1959), sobre as desvantagens da interação com os semelhantes – o protagonista é um homem ligeiramente parecido com o infeliz Krapp (de *A Última Gravação de Krapp*, peça igualmente estudada no livro).

*Companhia* aprofunda a natureza dos dois solitários, resignados ao papel dos índices no inferno dantesco, como os define Webb no volume. Tanto Krapp como o Henry de *Cinzas* e o “homem no escuro”



ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

de *Companhia* sofrem de “incapacidade ética de escolher ser ou não ser”. Eles, diz Webb, vagam fora das profundezas do inferno, pois não são bons nem ruins. Simplesmente resignam-se a existir. “Beckett adorava Dante, mas não comungava do mesmo credo. Por outro lado, teve durante toda a vida um fascínio pelo fato de não acreditar naquilo que Dante acreditava – e eu acho que Beckett reconhecia o poder que tinha Dante de encontrar uma forma expressiva para essa crença”.

A maioria dos personagens de Beckett, de acordo com o professor, são fascinados pela visão de unidade de Dante, embora percebam, para seu desespero, que ela se perdeu para sempre. É o que os conduz a buscar outras explicações para a existência. A frustração de ter de entender o ininteligível, conclui Webb, é inevitável. Mais cedo ou mais tarde, todos acabam como seus personagens Murphy ou Krapp, num beco sem saída, no meio da bagunça que é o mundo. Em *Companhia*, o indagador é um velho deitado de costas, no escuro. Há uma voz que vem das trevas e por vezes fala na segunda ou terceira pessoa – uma voz que ele não reconhece e nem pode nomear, mas que descreve seu absurdo confinamento.

A história evolui com descrições da in-

fância luminosa do homem no escuro – um garoto que sai de uma loja segurando a mão da mãe e contemplando o céu azul, a solidão no jardim enquanto ela prepara o chá da tarde. Num movimento anti-prostiano, essas “cenas do passado” evocam a juventude de Beckett por meio de reminiscências literárias pirateadas de Yeats e fragmentos de outros textos do escritor, numa espécie de autoplagio já comentado pela crítica – que também pode ser lido como uma “reinvenção” literária.

Eugene Webb diz que o automatismo da linguagem, presente em obras como essa, é revelador. O dramaturgo não a desconstrói como um meio de “caçar o realismo até a morte”, como sugere Paul Davies em *Beckett after Beckett*. Ele buscaria, sim, uma alternativa para o “uso exuberante da linguagem” pelo amigo James Joyce. “Beckett tentou, em sua ficção, achar um modo de desnudar a linguagem, uma das principais razões de ter começado a escrever em francês”, analisa Webb. Ele, no entanto, classifica essa opção não como um artifício literário. “É possível dizer que ele estava tentando, como Mallarmé, purificar a linguagem da tribo”.

Nos anos 1980, que marcam a fase final de Samuel Beckett, ele teria encontrado, segundo o professor americano, “um meio

mais satisfatório de se expressar pela prosa, embora sem pretender abandonar o território descoberto e explorado em seu teatro”. Tanto é verdade que *Companhia* foi transformado em monólogo pelo grupo experimental norte-americano Mabou Mines (com o ator Frederick Neumann e música de Philip Glass).

A prosa final de Beckett não segue a fórmula de obras dos anos 1950 como *Molloy* (1951), *Malone Morre* (1951) e *O Inominável* (1953). *Molloy*, por exemplo, ainda usa a estrutura de um gênero desgastado, o da novela detetivesca, embora empregue o monólogo interior consagrado pelo amigo Joyce. Já contos da fase derradeira, como *Pra Frente o Pior* e *Sobressaltos*, além de quebrar a coluna vertebral da metafísica, pretendem inventar uma forma sintática anticonvencional usando a língua mãe – Beckett preferia escrever em francês, mas produziu o monossilábico *Pra Frente o Pior* em inglês. Talvez ele pretendesse enfatizar a frustração do narrador por sua incapacidade de decidir se segue adiante ou não. Ou proferir pelo menos uma frase que não fosse absurda, uma frase digna de ser ouvida, ainda que intraduzível.

**Solidão.** Samuel Beckett em Paris (1984): narrativa protagonizada por um velho que vive deitado de costas, sempre no escuro, e é atormentado por uma voz que não reconhece nem pode nomear

**\*\*  
 Ele admirava Dante Alighieri, embora não dividisse com o italiano a crença numa unidade cósmica  
 \*\***

[estadão.com.br](http://estadão.com.br)

Leia trechos de *Companhia e As Peças de Samuel Beckett*  
[estadão.com.br/e/trechosbeckett](http://estadão.com.br/e/trechosbeckett)

**UMA OBRA FEITA DE PORMENORES**

Em seu trabalho, as construções de sentido se despedaçam e o particular se impõe ao geral

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

**N**um ensaio sobre literatura e senso comum, Vladimir Nabokov afirma que as normas irracionais na arte “significam a supremacia do pormenor sobre o geral, da parte que está mais viva do que o todo, da minúscula coisa que o homem observa e saudável com um amável gesto do seu espírito, enquanto a multidão à sua volta é arrastada por um impulso comum para um objetivo comum”.

Como não pensar, a partir das palavras de

Nabokov, na obra do escritor irlandês Samuel Beckett? Obra feita de pormenores, pequenas construções de sentido que se despedaçam tão logo o escritor se depara com o inoperante senso comum.

Para Beckett, a linguagem não pode revelar verdade alguma. Sua obra é fascinada pela hipótese da sua própria ausência. Ao mesmo tempo, porém, essa linguagem não deixa de discutir e apresentar o absurdo da condição humana.

Já no início de sua carreira, Beckett foi considerado um “absurdista”, e festejado, controversa à parte, como um dos pais do Teatro do Absurdo. A principal característica dessa “atitude”, segundo Martin Esslin, seria a sensação de que certezas e pressupostos básicos e inabaláveis de épocas anteriores desapareceram no pós-guerra.

Na obra Beckett, as “questões” de Immanuel Kant – “O que eu posso conhecer? O que

eu posso fazer? O que eu posso esperar?” – são retomadas e reformuladas. Em *Textes pour Rien*, por exemplo, lê-se: “Onde eu iria se eu pudesse ir? O que eu seria se eu pudesse ser? O que eu diria se eu tivesse uma voz?”. As personagens beckettianas restaria apenas esperar, exaustas, a chegada de algum sentido.

Se há um cotidiano presente na obra do artista irlandês, certamente é um retrato trágico da vida numa época (a do pós-guerra) na qual, afirmava o dramaturgo Eugène Ionesco, contemporâneo de Beckett, “não podemos deixar de nos indagar o que estamos fazendo nesta Terra”.

É Alain Badiou quem resume, a meu ver, de forma bastante abrangente, a obra de Beckett: “É um escritor do absurdo, do desespero, do vazio, da incomunicabilidade e da eterna solidão, em suma, um existencialista. Mas também um escritor ‘moderno’, no que diz respeito ao destino da escritura, à ligação entre a

repetição da linguagem e o silêncio original, à função simultaneamente sublime e irrisória das palavras, tudo isso teria sido capturado pela prosa, muito aquém de toda intenção realista ou representativa, a ficção sendo ao mesmo tempo a aparência de uma narração e a realidade de uma reflexão sobre o trabalho do escritor, sua miséria e sua grandeza”.

No âmbito da literatura irlandesa, é sempre interessante comparar Samuel Beckett com James Joyce, seu mestre. Embora Beckett enfatizasse as diferenças entre suas respectivas obras, parece-me que o excesso da linguagem em Joyce e a aridez da linguagem em Beckett redundam numa mesma “língua cansada”, que submete o sujeito da voz a uma “tortura intolerável”. Tanto em Beckett quanto no último Joyce, os personagens são feitos de palavras. Assim, lemos em *O Inominável*: “Sou de palavras, sou feito de palavras, das palavras dos outros (...)”, talvez o testemunho mais lúcido de Beckett.

**\*  
 DIRCE WALTRICK DO AMARANTE** É PROFESSORA DE ARTES CÊNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. COORGANIZOU E CO-TRADUZIU DE SANTOS E SÁBIOS. ENSAIOS DE POLÍTICA E ESTÉTICA DE JAMES JOYCE (ILUMINURAS)

**• Do Suplemento Literário**  
 Leia o artigo *Esperando Godot*, de Sábato Magaldi, sobre a obra-prima beckettiana, publicado na edição de 19/4/1969:  
[estadão.com.br/e/sb](http://estadão.com.br/e/sb)